

TEOLINDA GERSÃO

PRANTOS, AMORES
E OUTROS DESVARIOS

Índice

Pranto e riso da noiva assassina	9
Pranto da mãe mentirosa.....	17
As mimosas	23
Detrás dos sonhos.....	33
O meu semelhante	41
Jogo Bravo	49
Uma tarde de Verão	59
Mal-entendidos	71
Vizinhas.....	79
A mulher cabra e a mulher peixe	85
Água-marinha	95
Décimo Mandamento	103
Enredos.....	109
Alice in Thunderland.....	115

Pranto e riso da noiva assassina

Momento Um

O homem que eu amava deixou-me por outra e eu entrei em desespero e matei-o. Provavelmente enlouqueci. Mas talvez não seja realmente culpada. Se tiver de haver um culpado, será ele. Gostaria de dizer-lho, mas não posso. Ele deixou de fazer parte do número dos vivos e ninguém pode ultrapassar essa fronteira, só Deus. Mas ninguém é Deus.

Se bem que, quando se mata, se é, por um instante, quase Deus: tem-se um poder absoluto, transforma-se o mundo segundo a nossa vontade. É um momento total, em que ficamos acima da vida e da morte. Sozinhos e apavorados com aquele poder que estava em nós, mas desconhecíamos e nos ultrapassa.

De repente acordamos como de um transe, banhados em suor e extenuados. Sem perceber toda a extensão do que se passou, mas com manchas de sangue nas mãos. E depois dizem-nos que é dele o sangue. Do homem que matámos.

Sim, devo ter enlouquecido, nessa altura. Ou muito antes: quando ele me disse que me deixava por outra. Quando ele não me disse nada, e se foi embora.

Mas ele não podia ter-me deixado assim à espera, um dia a seguir ao outro, pondo o seu talher à mesa, a cadeira no lugar que ele ocupava, a sua almofada na cama, no lado que ele deixara vazio. Não podia afogar-me todas as noites num quarto escuro e sem fundo, olhar-me ao espelho sem me reconhecer, vendo esfumar-se o brilho dos olhos, o sorriso da face, o viço da pele, o vermelho da boca. Assistir ao meu próprio desaparecimento – o corpo deixando de ser ágil, os gestos fáceis, as palavras rápidas. Ver-me sair de cena, cair dentro do espelho, como se ele fosse uma fronteira e eu a tivesse ultrapassado, porque estava morta.

Enquanto ele abraçava a outra, e ela estava viva e passeavam debaixo das árvores, e os meses sucediam-se e era Verão, Inverno e Primavera, e ele comprava uma casa, onde entrava com a outra mulher, que se deitava no meu lugar na cama.

E depois saíam juntos e, como não eram supersticiosos nem acreditavam que o vestido de noiva devia ser surpresa, ele comprava-lhe o vestido que eu deveria usar: branco, brilhante, com uma cauda de seda semeada de flores.

Ele não podia ter feito isso. Não podia. Como se eu fosse um insecto que se esmaga. Tornou-me invisível, não só para ele, mas também aos meus olhos e aos do mundo: ia para o trabalho, vinha do trabalho, entrava e saía em autocarros, atravessava as ruas, entrava em casa, atendia o telefone. Mas não me sentia a fazer nada disso. Não estava na minha vida, nem na minha pele. Desaparecera.

Ninguém portanto me encontrava, como se tivesse ido para muito longe. Foi um tempo de ausência, eu não estava lá.

Em volta, tudo mudara: as coisas familiares tinham-se tornado desconhecidas, vagamente ameaçadoras, como se eu esquecesse para que serviam, ou qual era o meu papel em relação a elas. Qualquer gesto simples, como arrumar uma gaveta ou escolher jornais para deitar fora, me exigia um esforço desmedido. Muitas vezes pensei se não começaria a esquecer tudo, como os doentes de Alzheimer, que ignoram o nome dos objectos e deixam de saber quem são. Como a tia Madalena, e a sua morte por esquecimento.

Enquanto as memórias dele adquiriam, pelo contrário, uma nitidez obsessiva, como se olhasse através de lentes de aumento: tudo o que me ligava a ele tornava-se demasiado intenso, demasiado grande, quase gigantesco. Eu era devorada pela memória dele, e deixar-me devorar era ainda um prazer, como se de alguma forma ele me possuísse ainda.

Eu só existia, portanto, no passado. Talvez pudesse pôr as coisas nestes termos:

Ia por um caminho, e de repente fui atropelada. A partir daí o tempo partiu-se ao meio, havia um antes e um depois, mas não havia ponte entre antes e depois. O problema residia aí, na falta de ligação. Eu estava desligada, tudo na minha vida estava desligado.

Mas poderia voltar a ligar-se. Se, por exemplo, ele telefonasse.

A vida suspensa do fio telefónico. Sentar-me na cadeira de orelhas ou na extremidade do sofá, e ficar à espera:

De repente um som agudo retinir na casa, fazendo-a estremecer, acordando o mundo. A voz dele, do outro lado do fio, atando novamente as coisas, pondo um nexos entre os

objectos, a cadeira e o livro, o tapete e a mesa, a televisão e o jornal, a jarra de flores e a parede.

Tudo ter sido um equívoco, nada ter acontecido e eu estar agora no lugar da outra. Que deixara de existir. Nunca tinha existido.

A chave rodar na porta, e ele entrar. Sem dizer nada, nenhum de nós diria nada.

Adormecer nos seus braços, e o mundo voltar ao princípio. Não fales, não quero saber, não fales, por favor não fales.

Podia acontecer, essas coisas aconteciam. Por isso eu olhava o telefone, tocava-lhe como se quisesse despertá-lo, impedi-lo de ficar quieto e mudo, ouvia-o tocar sem som, como se também ele tivesse enlouquecido.

Punha flores nas jarras, esperando absurdamente que ele voltasse. Ia ao mercado comprá-las e punha-as sobre a mesa, como se ele as visse. E depois deitava-as fora. De uma das vezes deixei cair a jarra e a água entornou-se no sofá e na mesa, correu para o chão encharcando o tapete. Deixei ficar tudo como estava e fui-me embora, sem sequer apanhar os pedaços partidos. À noite entrei descalça na sala e cortei os pés nos cacos de vidro.

Deitei tudo fora, e pensei que as flores nunca dariam fruto. Tal como eu, que nunca iria dar à luz um filho.

Claro que havia outros homens no mundo, mas nenhum tinha nada a ver comigo. Nenhum era o homem que eu amava, que nunca iria deixar de amar, mesmo que não pudesse voltar a vê-lo. A minha vida começava e acabava nele. Ele forase embora e levava-a.

Então imaginei que podia de algum modo arrastá-lo para o lugar dos mortos, onde eu estava. Podia matá-lo e isso seria

uma forma de ele ser meu novamente, de o ter junto de mim para sempre.

A ideia foi de repente pacificadora e adormeci sem dar conta, sentada na cadeira. Quando acordei senti-me melhor, porque havia muito tempo que não dormia.

Abri a janela e olhei para a rua:

Era uma manhã de Outono, com um sol frio e um vento gelado que levantava as folhas. As pessoas caminhavam, apressadas, nos passeios, carros circulavam, havia uma cidade pulsando, debaixo da janela. Uma cidade viva, um coração batendo.

Um coração batendo. Peguei numa foto dele: o rosto, o sorriso, conheço tão bem este rosto, esta boca, este corpo, conheço tão bem este corpo, colado ao meu. Está ligeiramente inclinado para a frente, com os ombros um pouco de lado, veste um casaco azul sobre a camisa branca e tem uma gravata vermelho-escura. Como sangue.

Senti o fogo subir-me ao rosto, o coração bater com mais força. Abri a gaveta e tirei um lenço de seda que ele gostava de usar. Cheirava ainda ao seu perfume, ao seu corpo, ao tabaco dos cigarros que tantas vezes lhe acendi, na minha boca.

Embrulhei a foto no lenço, pelos bordos, deixando a imagem visível: continuava a sorrir, inclinado para a frente. Como se me olhasse.

Então desejei com toda a força a sua morte, e com toda a força espetei um alfinete por cima da gravata, no lugar do coração. Um velho alfinete de chapéu, cravado, como um punhal, no peito.

O cabelo caiu-me sobre a cara, o suor escorreu-me pela

testa. Afastei o cabelo com a mão, meti a cara debaixo da torneira, bebi alguns goles de água fria. Depois deitei-me e adormeci.

Acordei mais tarde com o telefone a tocar desabaladamente e uma voz a anunciar a morte dele, do outro lado do fio. Uma morte súbita, instantânea. Paragem cardíaca.

Caíra na rua, de repente, essa manhã bem cedo, razão nenhuma, ninguém compreendia, sempre fora saudável, não, não tinha problemas cardíacos, caíra assim na rua, desamparadamente, vinha a sair do café, com o jornal debaixo do braço, caíra antes de chegar ao carro, com a chave na mão.

Desliguei a tremer e parei, no escuro, sem conseguir respirar, sem acreditar no que ouvira.

Passaram semanas, meses, e eu continuava, sufocada, no escuro. Não era isso o que eu queria, afinal não era nada disso que eu queria. Mas no momento fora esse o meu desejo. Não podia negar.